



Sugestões para o velho novo CAII_[R]

Joari (98)

Em meio à mudança de gestão do CAII, gostaria de chamar a atenção para alguns pontos, pelo menos dois. Mas, antes, quero comentar esse processo de mudança.

Entre uma gestão e outra há algo considerado problemático, mas que se pode considerar inerente à condição em que o CAII está estruturado. De toda forma, não está havendo de fato continuidade entre uma gestão e outra, implicando que os participantes do CAII paladinamente tentem dar continuidade no início, sofram por isso no decorrer e desencanem disso no final. Além disso, nem sei se realmente deve haver uma continuidade, mas que isso provoca muita angústia, isso é fato.

Outra questão possivelmente problemática é a quantidade de expectativas que candidatos e demais estudantes nutrem com essa renovação. Política não é nem nunca foi um exercício de transformação mágica da realidade, tampouco um jeito de agradar a gregos e troianos. Esse exercício do poder perpassa nossos dias e ninguém escapa, seja na forma de um engajamento militante ou de uma indiferença estratégica. Assim, quero dizer que pode ser, e geralmente é, desgastante esperar que a política atenda às nossas necessidades mais imediatas de satisfação na vida social. Pelo contrário, quanto mais se vivencia essa dimensão, mais se percebe o

quão difícil pessoalmente é tecer estratégias e táticas para constituir uma boa decisão coletiva.

Agora, quanto às sugestões, quero registrar duas coisinhas que, de uma forma ou de outra, estão no espectro de ação do CAII, nas quais a nova gestão, junto com outros estudantes, pode atuar, ou não. A primeira delas é a relação com a Representação Discente, que urge por uma atenção, na medida em que a sua eleição e representatividade foram atreladas ao movimento do Centro Acadêmico, com reivindicação do próprio movimento estudantil; assim, eleições e discussões estão diretamente vinculadas com o CAII, caso contrário haveria novamente uma possível dissonância nas respectivas atuações. Sem contar, sobretudo, que pensar sobre isso significa pensar a própria necessidade e pertinência dessa estrutura de representação.

A outra coisinha é a reforma curricular que está em andamento. Muita coisa vem sendo feita. Boa parte das discussões já chegou a um consenso e, assim, há uma perspectiva positiva de que, após 32 anos, nosso currículo seja atualizado, e com uma participação hercúlea de alguns estudantes que vêm trabalhando muito para que isso dê certo. Nesse caso, certamente, o comprometimento do CAII com essa questão contribuiria para consolidar a representatividade das reivindicações dos alunos e, com mais disponibilidade de recursos, seria mais fácil constituir uma boa comunicação entre alunos e comissão curricular, nesse momento.

Assim, ficam aqui algumas sugestões e questões para serem digeridas e ou golfadas ao longo da próxima gestão do CAII.



ELEIÇÕES PARA O CAII_[R]

Gui (98)

17/09, às 12h30, debate com integrantes da(s) chapa(s) candidata(s)
18/09, eleições
19/09, eleições e apuração
20/09, às 19h, festa de sucessão



NESTA EDIÇÃO

	página
Formação, Currículo...	02
Simpósio Internacional...	02
Assembléia de Alunos...	03
Teses e Dissertações	03
Um Ensaio sobre a "Ilusão"	04
Eterna Persistência	05
A César o que é de César	06
Comentários et al...	08
I Seminário de Integração	09
Tabaco	10

Formação, Currículo e Mercado de trabalho: perspectivas sindicais^[R]

Adaptação de colaboração de Lygia (pós)

Em setembro, dia 21, das 9h30 às 12h, estaremos realizando o evento: **Formação, Currículo e Mercado de trabalho: perspectivas sindicais**, com a participação dos seguintes convidados:

Prof^a Dr^a Maria Inês Assumpção

■ Fernandes, professora da Universidade de São Paulo na área de Psicologia Social e do trabalho.

- Prof. Dr. José Leon Crochik, professor na área de Psicologia Social da PUC-SP e de Psicologia da Educação da USP.

- Fernanda Magano, presidente do Sindicato dos Psicólogos.

O objetivo do evento é discutir o quanto as novas diretrizes curriculares e as propostas de formação podem influenciar o mercado de trabalho. Essa discussão é de extrema importância para a categoria, pois cada vez mais

estamos perdendo postos de trabalho e salários.

O evento é destinado, especialmente, aos professores de Psicologia, pois entendemos que eles são multiplicadores na formação política dos futuros psicólogos. Os alunos também devem participar, especialmente os de 4º e 5º anos de Psicologia.

Será oferecido um certificado para os estudantes, podendo ser considerado como horas de atividades se a Faculdade se interessar.

O evento será realizado no Sindaúde, localizado na Rua Cardeal Arcoverde, 119, Pinheiros, São Paulo (próximo à estação Clínicas do Metrô). As inscrições podem ser feitas, gratuitamente, no SINPSI-SP pelo telefone (11) 3062-4929.

A diretoria do SINPSI-SP solicita ao BOCA a divulgação do evento junto aos professores e alunos.



Simpósio Internacional de Psicologia e Ambiente

The Role of Environmental Psychology In The Study of Environmental Issues^[R]

Lets (01)

Nos dias 18, 19, 20 e 21 de novembro estará acontecendo o I Simpósio Internacional de Psicologia e Ambiente que se realizará aqui na USP (FAU). Esse evento está sendo organizado pelo LAPSI (Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção) e tem como objetivo discutir o papel da Psicologia Ambiental e fundamentar esse conhecimento a partir do estudo dos usos particulares de seus instrumentos na investigação científica, passando por uma identificação de suas funções para chegar à formulação consensual de seu papel no estudo da temática ambiental. Congregando participantes da Europa, das Américas e da África, terá por objetivo subsidiar a busca criteriosa de instrumentais de intervenção para

a transformação, local e global, de realidades ambientais indesejáveis e o fortalecimento das desejáveis. Ao término do simpósio, um Fórum realizado com participantes pertencentes a ONGs, secretarias do governo e organizações da sociedade civil, procurará sintetizar, através de uma carta, resoluções, relações entre as conclusões do simpósio e a sua aplicabilidade à problemática sócio-urbana definida no Fórum.

Maiores informações no site: www.lapsi.kit.net ou pelo tel: 30914459

Observação: As inscrições estão abertas e, para estudante, custa R\$50,00. Estou negociando com a organização do Evento para que essa taxa seja reduzida pela metade para os alunos do IPUSP.



COMISSÃO ORGANIZADORA:

Carlos Hideaki Fujinaga "Batata" (99), Renato Cury Tardivo (01) e Danilo Silva Guimarães (01)

Diagramação: Guilherme Gibran Pogibin (98); **Revisão:** José Israel Guedes Rodrigues (01).

Publique no BOCA: Envie para o e-mail do BOCA textos anexados como documentos do MS-Word (.doc) ou imagens preto e branco até o meio-dia de sábado. As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às segundas-feiras, das 12:30 às 13 horas. Participe!

O texto indicado com [R] foi revisado pela Comissão Organizadora

ASSEMBLÉIA DE ALUNOS QUE CONTRIBUIRÁ PARA O SUCESSO DA REFORMA CURRICULAR^[R]

Luciano (99) RD do PSC

Nesta sexta-feira (20/09), às 12h30, será realizada uma **Assembléia Geral dos Alunos** para discutir pontos importantes e respaldar a ação dos Rd's junto à Comissão Ampliada de Reforma Curricular. Ao que tudo indica, estamos prestes a presenciar um **momento histórico do IPUSP**: sim, parece que desta vez, passados longos anos de exaustivos debates, de alternância entre períodos de acirramento e afrouxamento da luta, a Reforma Curricular essa velha senhora provavelmente sairá do papel e beneficiará o ensino na graduação. E a maciça participação dos alunos na assembléia desta sexta-feira será de fundamental importância para o encaminhamento de propostas que possam dar fim a algumas pendências do Novo Currículo.

A assembléia terá como pauta principal a discussão sobre as disciplinas do PSA, as interdepartamentais e as afins (disciplinas obrigatórias oferecidas por outras unidades, como Estatística, Filosofia etc.). Sobre o PSA, as pendências não têm girado em torno apenas da diminuição da carga horária total do departamento (que, na última proposta, está um pouco acima do limite de 480 horas-aula estabelecido pela Comissão), mas principalmente da reorganização dos conteúdos de certas disciplinas. Por exemplo, temos que discutir o caráter excessivamente "panorâmico" de algumas disciplinas que não possibilitam ao aluno

uma visão integrada e crítica das problemáticas apresentadas, (i) ao apresentarem de maneira superficial e/ou cindida uma vasta gama de modelos teóricos e autores; (ii) ao apresentarem certos conceitos de forma fragmentada, isolando-os de seus pressupostos ou de suas dimensões sociais, políticas, psicológicas, biológicas etc.; ou ainda, (iii) no afã de dar ao aluno uma competência técnica para aplicação específica de um grande número de testes psicológicos o que é contraproducente acabam por não oferecer uma conhecimento sólido e consistente sobre os princípios fundamentais de cada categoria de teste (de interesse, de aptidão etc.).

Entretanto, essas são *apenas explicações iniciais e não o final da discussão*: é extremamente necessário que a discussão se *amplie, se consolide* ou se *modifique* com a participação de todos os alunos na assembléia do dia 20.

A propósito, quero deixar meu testemunho do esforço da Juliana (00), do Teo (98) e do André (97) os Rd's da Comissão Ampliada que têm deixado o sossego e a cerveja de lado nos últimos finais de semana, reunindo-se por horas a fio para pensar em propostas que efetivem de vez um Novo Currículo com qualidade.

Por isso, **sem a sua presença na assembléia**, o esforço deles terá menos valor. Puts, que chantagem!!! Mas façamos uma forcinha, vai!!!



Teses e Dissertações a serem defendidas enviado por Batata (99)

(18 de setembro a 2 de outubro)

Candidata: Margarida Calligaris Mamede (Psicologia Clínica)

Tese: Cartões e Retratos: ma clínica em direção à ética

Orientador: Professor Associado Gilberto Safra

Data Defesa Pública: 18 de setembro de 2002 às 9:00h

Local: Anfiteatro do IP

Candidato: André Camargo Costa (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Dissertação: Ética do desapego: um estudo sobre a atitude do psicanalista de inspiração freudiana pelo vértice do Budismo

Orientador: Professora Doutora Ana Maria Loffredo

Data Defesa Pública: 20 de setembro de 2002 às 18:30h

Local: Anfiteatro do IP

Candidata: Carla Biancha Angelucci (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Dissertação: Uma inclusão nada especial: apropriações da política de inclusão de pessoas com necessidades especiais na rede pública de educação fundamental do Estado de São Paulo

Orientador: Professora Titular Maria Helena Souza Patto

Data Defesa Pública: 23 de setembro de 2002 às 9:00h

Local: Anfiteatro do IP



Um Ensaio Sobre a "Ilusão" [R]

1
Cores
Beto (00)

(Continuação)

-Fique calma...

-Calma!? É um tantodifícil...

-Sabemos que é, mas tente relaxar...

-Meu Deus, cadê minhas cores? Só vejo estas cinco cores e a as cores humanas, tudo virou isso só...

Como o *barman* ficou bastante tempo sem conversar com ninguém, teve tempo de refletir e perceber o que acontecia. As cores das coisas se transformaram em apenas seis. Porém as pessoas não tiveram suas peles alteradas. Elas continuaram da mesma cor e o que era preto, embora não o tenha percebido o *barman*, continuava preto, assim como o que era branco. O resto eram só quatro cores: verde, amarelo, azul e vermelho. Não havia misturas entre elas, nem tampouco tonalidades, só elas.

Uma mulher, que também estava só, se aproximou.

-Amigos, o que aconteceu....? A minha mesa, prateada ficou... verde...

-Verde!?

-É... só eu estou vendo...?

-A mim ficou amarela...

-Amarela...!?

-Não é tempo de se discutir isso, precisamos entender o que se passa...

-Mas eu já entendo, não é simples? As cores mudaram, sumiram. Deus finalmente mostrou a Face e agora estamos sendo punidos por nossos erros...

Na verificação do comportamento de crianças se percebe que, quando a lógica ainda não esta plenamente desenvolvida e elas precisam fazer algo que a requeira, elas se utilizam de métodos "mágico-fenomenistas" para conseguir o que querem, ou seja, usam métodos que não condizem com a "realidade". Vemos que o homem também faz isso: quando não entende algo para poder explicá-lo, se utiliza desses recursos. Aqui Leandro já explica tudo, "Deus nos puniu". Não digo que sua afirmação seja falsa ou verdadeira, mas digo que nela não há busca no que é aparentemente concreto.

-Pode ser, mas você sempre foi ateu...

-Agora não mais, agora acredito...

O resto da cidade, do país, do mundo estava um rebu só. Carros bateram, aviões tiveram problemas de decolagem, enfim, ocorreram diversas confusões nos locais em que as cores se fazem necessárias. E o pior não ocorria pelo número reduzido de cores, mas pelo fato de as pessoas verem elas diferentes, assim quando o farol ficava verde para um, para outro ficava vermelho e para outro ficava azul. As cinco cores tomavam o lugar das anteriores e se confundiam, mas aqueles que viam o azul no lugar do verde viam do mesmo modo todas as outras cores. Enquanto isso, as quatro pessoas continuavam conversando.

-Estou muito assustada, estava sentada lendo o jornal e quando tirei os olhos dele e olhei a mesa vi que ela havia ficado verde, como se tivesse se transformado em verde no momento em que tirei do jornal os olhos.

-É... conosco foi ainda mais estranho demoramos muito para perceber que nossos olhos e todas as outras coisas haviam mudado de cor, percebemos apenas nos olhos desta moça.

-Para mim seus olhos estão todos vermelhos, um vermelho forte, constrangedor...

-Vermelhos!?

-É...

-Estranho...

Neste momento chega o noivo. Chega assustado, trazendo na face o signo da incompreensão e revirando-a à procura da noiva. Quando a vê vai correndo até ela e lhe dá um forte abraço.

-Meu Deus Tina o que está acontecendo? Acho que estou enlouquecendo...

-Fique calmo, pelo menos estamos juntos agora.

Aquele abraço diminuía um pouco a angústia dos dois. Ele havia ficado esse tempo inteiro só. Viu as cores se alterando e chegou a pensar que fosse coisa sua, que tivesse em estado de surto e que precisaria de alguma ajuda, mas logo percebeu que todos pareciam estar com o mesmo problema, pois a cidade estava um caos.

-Nos sa Tina! Seus olhos estão vermelhos...

-Vermelhos!?

-Sim... e o de todos eles também...

-Mas... mas a mim estão verdes...

Cristina ficou um tanto chocada, esperava que seu noivo enxergasse as coisas do mesmo modo que ela, mas não foi o que ocorreu. E a outra moça logo se pronunciou, feliz por não estar mais "sozinha".

-A mim estão vermelhos também...

-Mas porque estão verdes a você?

Perguntou também chocado o noivo.

-Não sei, as cores mudaram de modo diferente para cada pessoa. Alguns de nós enxergam os olhos verdes, outros vermelhos e

outros azuis, mas o porquê disso tudo é claro que não sabemos...

-Que estranho, então os problemas são maiores do que eu imaginava...

-É, muito maiores...

Foi o que um dos amigos falou, já agora preocupado com essa disparidade entre as percepções. Ficaram conversando por muito tempo. O noivo foi apresentado a todos e todos se apresentaram. Ele contou o que havia passado lá fora. Contou que estava uma confusão, que carros bateram e que ninguém se entendia.

A confusão no bar continuava e parecia-se muito com a relatada pelo noivo.

[Continua...]



Eterna Persistência_[R]

Busílis (00)

“E trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua, e...”

Mas, veja-se *isto*! Não consigo fazer decassílabos!

Nem rimas ABBA BAAB BABA...

Mas, também, nunca fui de ler poesia, (e por isso *isto* saiu *assim*?)

Veja-se isto: I- 20.07.02, a mágica ocorre agora:

20+07=27. Portanto, II- 27.08.02. Ué, de onde veio o 8? Mágica?!

Me diz, me diz a matemática: após o 7, o 8! (o infinito em pé! Mas, mas, infinito não é eterno...)

Mas, só sei disso porque aprendi mais matemática que poesia... sorte que 35 não dá!

A primeira, um equívoco: 14. A segunda, redenção: 11. Mágica, mágica...

Três elementos; início desconhecido | meio-termo, episódio, ponte-de-gelo | final desconhecido.
14-11=3.

[do real ele] → [dele]. Onde está o real na segunda? Sabe-se: oculto! (Procura, procura...)

Não consigo fazer decassílabos! Nem rimas e coisas tais! A matemática é pretexto... porque sei mais raiz quadrada que redondilhas!

Mas tento, tento, tento fazer decassílabos. Não consigo! persisto, persisto...- Não consigo! persisto...

Mágica!: descobri que persisto tanto porque gosto do *mistério* dos decassílabos! Respostas matemáticas são certas demais...

A resposta, o “consegui!”, é a medida da minha força.

Se ela é grande, persistente, jovem, curiosa, vívida, então não me contentarei com *qualquer* resposta!

Por isso, eterna persistência, saiba: “você brilha! teu brilho não vê limite porque ele, brilhando, é intenso! é forte! é vívido!” procura...

Perdão por este último, e este último [uni?] verso...



A César o que é de César [R]

Mariane Ceron (00)

Longe de um "stress" repentino, uma "síndrome de fim de semestre", uma frase enigmática e sábia, uma briga per si... Esta frase, neste texto, relaciona-se com aquelas coisas que não deveriam ser confundidas, mas infelizmente o são. No entanto, como nenhuma confusão é neutra, algumas devem ser explicitadas e faladas, doa a Quem doer.

Querendo ou não e gostando ou não, essas confusões às quais dolorosamente vou me referir são deveras importantes já que tangenciam algumas questões fundamentais que perpassam os nossos mais diversos âmbitos: a nossa casa, o IPUSP, a Universidade Pública, o Brasil, a Psicologia, o mundo, já que todos esses se encontram profundamente entrelaçados às estruturas de poder em geral.

As primeiras coisas que não devem ser confundidas são: compromisso e favor.

No dicionário, a palavra compromisso tem diversos significados. Ela pode ser entendida como uma obrigação mais ou menos solene assumida por uma ou diversas pessoas; comprometimento. Pode ser uma convenção ou comprometimento entre duas ou mais partes litigantes de se sujeitarem a um julgamento ou decisão arbitral; um ato escrito pelo qual, antes ou na pendência da lide, as partes interessadas elegem árbitros que a julguem de direito e de fato. Ou, qualquer combinação, ajuste, acordo, convenção, tratado; obrigação, promessa formal. Ou ainda, acordo político; pacto, obrigação de cunho social, ou, dívida a ser paga em dia combinado,

Ao passo que, também no dicionário, favor pode ser algo que se faz para alguém de graça, sem se ter essa obrigação; é um obséquio. Uma remissão de culpa concedida por indulgência; mercê, graça. Uma vantagem, um benefício que se concede a alguém; proveito. Uma simpatia adquirida junto a alguém ou ao público; consideração. Ou ainda, uma vantagem devida à preferência que se recebe de alguém ou ao poder que se tem sobre alguém.

Pois é, por isso eu digo que há hipocrisia na confusão (proposital) entre compromisso e favor. E essa é uma discussão política básica, a ser feita com profundidade nas mais diversas relações (uma crucial seria: Governo X Povo, desde o

mais macro ao mais micro, por exemplo, pais e filhos).

Isto porque, não raro, compromisso e favor são confundidos pelas pessoas. Isso se dá, por exemplo, quando escutamos pessoas (por exemplo, o povo) agradecerem por coisas que, na realidade, não passam de um compromisso de outrem que fora combinado anteriormente. Ou seja, que não deveriam ser agradecidas (pois não eram da ordem do favor e sim do compromisso). Vemos também o oposto disso: alguém (por exemplo, o governo, ou melhor, o seus representantes) assumir um compromisso e, depois de não cumpri-lo, querer absolver-se do erro mediante o argumento de que aquilo que antes fora um compromisso era, na realidade, um favor. Ou seja, o que era uma obrigação de cunho social, passa a ser visto como um obséquio, uma preferência gratuita que, portanto, não pode ser reivindicado caso não ocorra o seu não cumprimento (ou seja, uma atuação pretensamente não política diante de uma coisa, querendo ou não, política).

Também freqüentemente, quando o argumento do favor não satisfaz a parte prejudicada, um segundo argumento entra em jogo: colocar a culpa do fato do não cumprimento do compromisso em outra pessoa hierarquicamente inferior, submetida, e que, na realidade, não poderia, pelo seu lugar na hierarquia, responsabilizar-se pelo compromisso selado e não cumprido. O que consiste tanto na quebra do respeito com a tal pessoa que, mesmo sem ter culpa, acaba sendo obrigada a ficar com ela; quanto na quebra da responsabilidade para com aquela com quem anteriormente comprometera-se. Ou seja, o responsável converte-se em irresponsável, ou melhor, incapaz de assumir compromissos vide dicionário Houaiss. Neste caso, como o assunto é público, esse dirigente passa a ser inadequado àquela população, já que é incapaz de assumir compromissos. Ou seja, e isso é importante: um compromisso não se dá apenas pela boa vontade de alguém para com outro alguém (isso seria favor). Ele leva em consideração as obrigações pertinentes às relações sociais que rodeiam as partes envolvidas. Por isso, afirmo, sem dúvidas, que compromisso é um ato político. ▣

Sendo assim, outra distinção faz-se necessária: aquela entre público e privado. Embora público e privado sejam antônimos, não raro nos deparamos com a lógica do favor (essencialmente privada) nas coisas públicas.

Então: algo privado (subst.) pode ser alguém que é favorito, conselheiro ou protegido de um soberano; válido. Ou: (adj.) é algo que pertence a um indivíduo particular; algo restrito, reservado a quem de direito; confidencial; algo que é pessoal e não expresso em público; alguém que não possui emprego público nem oficial; algo que é afastado do conhecimento público; secreto; que é assumido individualmente ou por conta própria; que é sem presenças alheias; só, solitário, isolado. Ou ainda, que é relativo ou pertencente a fonte não governamental.

Já o termo público designa algo relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade; algo relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade etc.; algo que pertence a todos; comum; que é aberto a quaisquer pessoas; algo sem caráter secreto; algo manifesto, transparente, que é universalmente conhecido.

Então, como já deve estar latente, a discussão se trava no âmbito da confusão entre aquilo que é um favor e portanto conserva uma lógica privada (só se dá algo de graça, sem compromisso e por obséquio para alguém que é preferido, favorito âmbito das relações pessoais) e aquilo que é um compromisso e conserva uma lógica pública, ou seja, num âmbito profundamente político, que envolve responsabilidade (ou irresponsabilidade), posicionamento e tomada de direção (sejam eles quais forem). E, é claro, as conseqüências produzidas por todas essas possibilidades.

Por exemplo: no Brasil a maioria das pessoas é acostumada a conceber as coisas que *recebem* do governo como um favor. De fato, em defesa da verdade (que deve ser dita do a Quem doer), não podemos negar quem sai privilegiado nesta lógica privada em se tratando de coisas públicas: o governo, ou melhor, seus representantes, que, a partir da assimilação generalizada deste tipo de relação, não passam mais por irresponsáveis e, portanto, inadequados para a população ao deixar de cumprir seu(s) compromisso(s) de mediador

entre aquilo que é público e aquilo que não é público.

Então há um problema entre aquilo que é o compromisso público, de fácil dedução pelo dicionário diga-se de passagem e a maneira como os que assumem o compromisso público cismam em julgá-lo, o que já é um ato privado. E, também, a Quem privilegia esta tal maneira de julgar o que é público de maneira privada - coisa também de fácil dedução. Conseqüentemente temos um problema político, já que os compromissos passam a depender de ações privadas, mesmo que digam respeito a todos.

Para piorar ainda mais a situação, essas relações, como foi dito no início do texto, tangenciam várias esferas de nossas vidas, particularmente a Universidade, centro do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento crítico. E, principalmente, o saco de gatos que é a Psicologia (não esquecendo que certamente, "há gatos e gatos"...). Quando encontramos dentro da Universidade deste país estruturas que fazem reproduzir esta inversão sarcástica entre aquilo que é um compromisso público e aquilo que é um favor... aí temos que pensar e, no meu ponto de vista, obviamente ficar indignados.

Como considerar ingênuas as atitudes deste tipo encontradas entre os intelectuais? Como conseguir enxergá-las de maneira neutra? Pensando dedutivamente, de duas uma: ou ficamos indignados, ou tentamos fazer mais um pacto privado com aqueles que já lidam com o público de maneira privada (ou seja, *mamamos* também).

Não existe neutralidade! O que existe é visão de mundo, de ser humano, de sociedade, de psicologia, de instituição. Existe, portanto, posicionamento político. O que fazer, então, já que sabemos ser eticamente impossível manter o caráter historicamente neutro que foi associado a esse tipo de ação às custas de muito sofrimento humano (assunto, portanto, de psicólogos)? Manter a hipocrisia sem perceber (tolos/ingênuos), mamar também (os famosos "espertalhões") ou se dispor à denúncia do que é tão grave e que tanto consome nosso país (o que contém, por si só o anúncio da transformação)?

Para Quem é bom entendedor, até aqui basta!



Sendo assim, outra distinção faz-se necessária: aquela entre público e privado. Embora público e privado sejam antônimos, não raro nos deparamos com a lógica do favor (essencialmente privada) nas coisas públicas.

Então: algo privado (subst.) pode ser alguém que é favorito, conselheiro ou protegido de um soberano; válido. Ou: (adj.) é algo que pertence a um indivíduo particular; algo restrito, reservado a quem de direito; confidencial; algo que é pessoal e não expresso em público; alguém que não possui emprego público nem oficial; algo que é afastado do conhecimento público; secreto; que é assumido individualmente ou por conta própria; que é sem presenças alheias; só, solitário, isolado. Ou ainda, que é relativo ou pertencente a fonte não governamental.

Já o termo público designa algo relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade; algo relativo ou pertencente ao governo de um país, estado, cidade etc.; algo que pertence a todos; comum; que é aberto a quaisquer pessoas; algo sem caráter secreto; algo manifesto, transparente, que é universalmente conhecido.

Então, como já deve estar latente, a discussão se trava no âmbito da confusão entre aquilo que é um favor e portanto conserva uma lógica privada (só se dá algo de graça, sem compromisso e por obséquio para alguém que é preferido, favorito âmbito das relações pessoais) e aquilo que é um compromisso e conserva uma lógica pública, ou seja, num âmbito profundamente político, que envolve responsabilidade (ou irresponsabilidade), posicionamento e tomada de direção (sejam eles quais forem). E, é claro, as conseqüências produzidas por todas essas possibilidades.

Por exemplo: no Brasil a maioria das pessoas é acostumada a conceber as coisas que *recebem* do governo como um favor. De fato, em defesa da verdade (que deve ser dita do a Quem doer), não podemos negar quem sai privilegiado nesta lógica privada em se tratando de coisas públicas: o governo, ou melhor, seus representantes, que, a partir da assimilação generalizada deste tipo de relação, não passam mais por irresponsáveis e, portanto, inadequados para a população ao deixar de cumprir seu(s) compromisso(s) de mediador

entre aquilo que é público e aquilo que não é público.

Então há um problema entre aquilo que é o compromisso público, de fácil dedução pelo dicionário diga-se de passagem e a maneira como os que assumem o compromisso público cismam em julgá-lo, o que já é um ato privado. E, também, a Quem privilegia esta tal maneira de julgar o que é público de maneira privada - coisa também de fácil dedução. Conseqüentemente temos um problema político, já que os compromissos passam a depender de ações privadas, mesmo que digam respeito a todos.

Para piorar ainda mais a situação, essas relações, como foi dito no início do texto, tangenciam várias esferas de nossas vidas, particularmente a Universidade, centro do conhecimento e do desenvolvimento do pensamento crítico. E, principalmente, o saco de gatos que é a Psicologia (não esquecendo que certamente, "há gatos e gatos"...). Quando encontramos dentro da Universidade deste país estruturas que fazem reproduzir esta inversão sarcástica entre aquilo que é um compromisso público e aquilo que é um favor... aí temos que pensar e, no meu ponto de vista, obviamente ficar indignados.

Como considerar ingênuas as atitudes deste tipo encontradas entre os intelectuais? Como conseguir enxergá-las de maneira neutra? Pensando dedutivamente, de duas uma: ou ficamos indignados, ou tentamos fazer mais um pacto privado com aqueles que já lidam com o público de maneira privada (ou seja, *mamamos* também).

Não existe neutralidade! O que existe é visão de mundo, de ser humano, de sociedade, de psicologia, de instituição. Existe, portanto, posicionamento político. O que fazer, então, já que sabemos ser eticamente impossível manter o caráter historicamente neutro que foi associado a esse tipo de ação às custas de muito sofrimento humano (assunto, portanto, de psicólogos)? Manter a hipocrisia sem perceber (tolos/ingênuos), mamar também (os famosos "espertalhões") ou se dispor à denúncia do que é tão grave e que tanto consome nosso país (o que contém, por si só o anúncio da transformação)?

Para Quem é bom entendedor, até aqui basta!



Comentários et al ...^[R]

Bin Laden e a História¹

Erika Azevedo (02)

Já tinha ouvido falar que a História dá voltas, mas não é que dá mesmo?! Cada dia, cada minuto que vivemos é sem dúvida um momento histórico, afinal de contas a História é feita por pessoas e o que somos nós, afinal, se não os personagens principais desse épico. Mas, pelo menos quando estudamos na escola, procuramos certos marcos, fatos cruciais determinantes de grandes reviravoltas. Ao estudar esses grandes acontecimentos, sempre me perguntava se as pessoas que os viviam se davam conta do quão importantes eles eram. Pois bem, não sei quanto a esses pobres mortais que já se foram, mas eu tenho a leve impressão de que esse último ano não passará batido nos livros de História Geral.

No dia 11 de setembro de 2001, o cúmulo da ignorância e da intolerância se fizeram presentes com o ataque terrorista contra os Estados Unidos da América. E o que veio a seguir, só fez aumentar a incompreensão entre os povos e a hipocrisia extrema dos líderes mundiais, muitas vezes já contemplada na História. Não há qualquer tipo de argumento que possa justificar os ataques terroristas do último ano. Por mais intruso e manipulador que sejam os americanos na política internacional, sempre há outros modos mais *civilizados* de combatê-los. Contudo, há sim uma explicação histórica para o que ocorreu, para esse *ódio* aparente dos árabes contra os ocidentais. Explicação tal que não tem absolutamente nada a ver com a *teoriazinha* barata de que esses povos são bárbaros, ignorantes, cruéis e que invejam o poder da democracia *Yankee* e por isso querem destruí-la para que o mundo seja conquistado pelo islamismo. Estudemos a História para entendermos melhor o que se passa.

A famosa *queda de Constantinopla* em 1453, quando finalmente os turcos otomanos conseguiram derrubar as últimas barreiras que os mantinham fora do Império Romano do Oriente, marca o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Mas o que será que permitiu que aquele império, antes tão forte, caísse nas graças desses *bárbaros* que havia poucos

séculos vagavam por desertos sem a menor unidade política? Bem, ao que tudo indica, o Império Bizantino já vinha passando por várias crises desde o *Cisma do Oriente*, quando o Império Romano se dividiu em dois. Mesmo antes disso, durante o Alto Império Romano, já se observava a luta de poder entre facções militares, comerciantes e camponeses, que acabara por enfraquecer a unidade governamental. Dentre outros motivos, havia uma grande pressão externa de povos que ambicionavam expandir-se por aquelas áreas estratégicas para que não fossem conquistados pelos romanos.

Analogamente, vejam os Estados Unidos da América. No último século, quer gostem ou não, o Tio Sam definitivamente tornou-se a maior potência econômica, política e militar do planeta. Contudo, isso não a tornou imune a crises internas (veja o caso da Enron e WorldCom) e nem à sina de todos os grandes impérios da História. Seu poderio esbarrou-se nos interesses de outros povos e, agora, encontra-se em um momento delicado. A colisão intencional dos dois aviões contra as torres gêmeas do famoso arranha-céu novaiorquino “World Trade Center” caracteriza-se como um daqueles fatores que aparecerão um dia nos livros como divisores de água. O dia 11 de setembro de 2001 foi um atentado terrorista que provou que nem o tamanho e o poder tecnológico do exército americano podem deter um bando de *selvagens radicais* (definição dos nacionalistas mais fervorosos) que, como já visto muitas vezes na História, apenas não querem ser subjugados ao poder de um império. Seria esse um sinal de fraqueza da grande potência do século XX, perante sua iminente queda com data marcada para o século XXI? 

¹nota da Autora: Este texto de forma alguma tem a pretensão de dar uma aula de História. Sua única intenção é a de fazer uma análise do momento em que vivemos baseada em uma perspectiva que leva em consideração uma visão geral de nossa herança histórica. Para mais detalhes, consulte um bom livro de História ou um professor.

Seja lá o que for acontecer daqui para frente, não é culpa de um bando de *barbudos safados* querendo acabar com os mocinhos do filme; é a História se repetindo mais uma vez. No cenário internacional, sempre há um jogo acontecendo onde nações se revezam na liderança para manipular outras. Essas, por sua vez, aguardam o momento em que poderão ter a sua chance de tomar conta do tabuleiro. Está longe de ser a luta do bem contra o mal. É um jogo de interesses que se repete há séculos. Os E.U.A. são a peça da vez e nós, o que seremos? Figurantes nessa

história? Peças manipuladas nesse jogo? Ou quem sabe protagonistas ativos dessa novela chamada História, cientes do momento em que vivemos e atuantes nesse jogo? Talvez devêssemos ser mais informados para que a História não seja feita por *Nero's*, *Bush's* ou *Bin Laden's*, mas por todos nós que suas conseqüências sofremos. Se quisermos mudar esse jogo, temos que nos informar das regras e começarmos a participar o mais rápido possível. Nesse turbilhão que é a História, quem não sabe nadar acaba se afogando.



I SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO USP^[R]

Profª Maria Julia Kovács

Em 9 de setembro de 2002 aconteceu no Hospital Universitário (HU) o I Seminário de Integração. Trata-se de uma iniciativa da Comissão de Ensino e Pesquisa desse hospital, que resolveu unir representantes das Comissões de Graduação das Unidades que mantêm estágio no HU. E pela primeira vez a Psico também foi convidada a participar da reunião, embora ainda não tenhamos estágio regulamentar no hospital.

Particpei de uma reunião inicial, como representante da CG da Psico com colegas da Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, além dos representantes dessas áreas, profissionais do HU. O seminário de integração é uma proposta desse grupo e tem como objetivo possibilitar uma abordagem multidisciplinar dos casos atendidos no hospital, já propondo uma mentalidade de equipe desde a formação, permitindo vários olhares para o caso estudado, com intuito de aprimorar o cuidado oferecido. O residente responsável pelo caso apresentou o histórico do paciente, a queixa, o diagnóstico e o entorno cultural. A discussão foi ampliada, trazendo-se diversas questões: como transmitir o diagnóstico de câncer; o

conflito da família sobre contar ou não ao paciente; a medicação e os efeitos colaterais; as cirurgias realizadas e as suas conseqüências; os cuidados de enfermagem, valorizando a pessoa em questão e as suas necessidades, tecendo reflexões sobre bioética.

A avaliação desse primeiro encontro foi muito positiva, o auditório estava lotado e vários alunos da Psico estiveram presentes. Infelizmente não houve tempo para muitas perguntas. Talvez seja necessário orquestrar melhor o tempo. Para nós, começa a se abrir o espaço de atividades no HU e posteriormente o estabelecimento de estágios em psicologia hospitalar. Mas, para poder concretizar o estágio de maneira mais eficaz é fundamental que se crie o serviço de Psicologia dentro do hospital, já que, do meu ponto de vista, os cuidados psicológicos aos pacientes internados e seus familiares é também uma prioridade. Isso implica em contratação de profissionais especializados na área. Esta é a nossa batalha. Outros seminários estão previstos. Suas datas de realização, tão logo estejam confirmadas, serão divulgadas aos alunos interessados.




Tabaco^[R]

Teo (98)

As notas expelem agudez
enquanto nosso beijo esbranquiçado te consome.
Saxofone generoso
espalha ar barítono
que se espessa na fumaça.

Voraz, sou avisado pelo luminoso vermelho
provocado a cada tragada.
Rodela de brasa
rodela de brasa.

Te aspiro em meus beijos até fazer-te bituca dobrada.
Na boca, o gosto tóxico do algodão.
No coração, a ânsia por introjetá-lo transformada em culpa.
Para o cinzeiro, comparsa desmedido. 

AGENDA^[R]

de 18 a 25 de setembro

(Renato 01)

A CLÍNICA DOS TRANSTORNOS
ALIMENTARES: DA ANOREXIA À
COMPULSÃO QUE LEVA À BULIMIA E
OBESIDADE

Palestra com Espaço de Reeducação

Alimentar

Dia 18, às 20h

R. Delfina, 354. Confirmação pelo tel.: 3812-0916

Entrada Franca

SÉRIE DE DEBATES NA FÍSICA/USP

O Processo de globalização

18/09: A Alca e a América Latina

19/09: Os Interesses Internacionais no Brasil

20/09: O Colapso da Argentina

Todos os dias às 18h

Tel.: 3091-7075

VERA GOULART

Exposição de desenhos, pinturas, esculturas,
gravuras e técnicas mistas

Espaço Augusta664 (R. Augusta, 664, Vila
Buarque, tel.: 3346-4504)

Terça-feira a domingo, das 11h às
17h (até 22/09)

Entrada Franca

CINEMA BRASILEIRO 2002

Duas sessões diárias até 30/09

19/09, às 16h: "Caramuru: A
Invenção do Brasil"

24/09, às 19h: "Lavoura Arcaica"

2º FÓRUM DE DEBATES: A
DIVERSIDADE CONJUGAL E
FAMILIAR

Dias 20 e 21 de setembro

CEAF Centro de Estudos e

Assistência à Família

Fone/fax: 3022-9596

Ceafpsi@uol.com.br

III JORNADA DO
DEPARTAMENTO DE
PSICODINÂMICA:

INTERVENÇÃO

INSTITUCIONAL E CLÍNICA PARA
ADULTOS

Dias 20 e 21 de setembro

Informações e inscrições: www.sedes.org.br

Instituto Sedes Sapientiae

SEMINÁRIO DOMINAÇÃO,
OCULTAMENTO E RESISTÊNCIA:
DESVELAMENTO DAS RELAÇÕES DE
RAÇA, CLASSE E GÊNERO NO BRASIL

De 23 a 27 de setembro no Anfiteatro da

História FFLCH/USP

DCE Livre da USP: 3091-3269

O PROJETO GESTÃO DA VIOLÊNCIA E
DA DIVERSIDADE NA ESCOLA
CONVIDA PARA A MESA-REDONDA
Escola inclusiva: desafios no Brasil e na
França

Professor Jean-Jacques Schaller

Universidade Paris XIII

Professora Rosângela Gavioli Prieto -

Faculdade de Educação-USP

Professor Leandro de Lajonquière -

Faculdade de Educação-USP

Professora Izabel Galvão Faculdade de

Educação-USP (coordenadora)

Segunda-feira, 23 de setembro de 2002, às
14hs.

Auditório da Escola de Aplicação da FEUSP 